

A democracia precisa dos chatos

A leitura do romance "Criação", do escritor norte-americano Gore Vidal, famoso pela irreverência e pelo espírito iconoclasta, inspirou a Leandro Konder uma reflexão a respeito de um tema delicado: a importância da preservação do espaço dos chatos na democracia. O romance, editado pela Nova Fronteira, traduzido por Newton Goldman, gira em torno da vida de um persa, que, depois de muitas aventuras, acaba como embaixador da Pérsia em Atenas, na época de Péricles.

O que é um chato? Quais são as características que transformam um ser humano numa pessoa cuja presença é considerada aborrecida, desagradável, pela imensa maioria daqueles que entram em contato com ela? O tema já mereceu do escritor Guilherme de Figueiredo todo um livro: o "Tratado geral dos chatos". Mas está longe de ter sido esgotado. E talvez nunca possamos chegar a uma conclusão definitiva a respeito da essência da chaticidade.

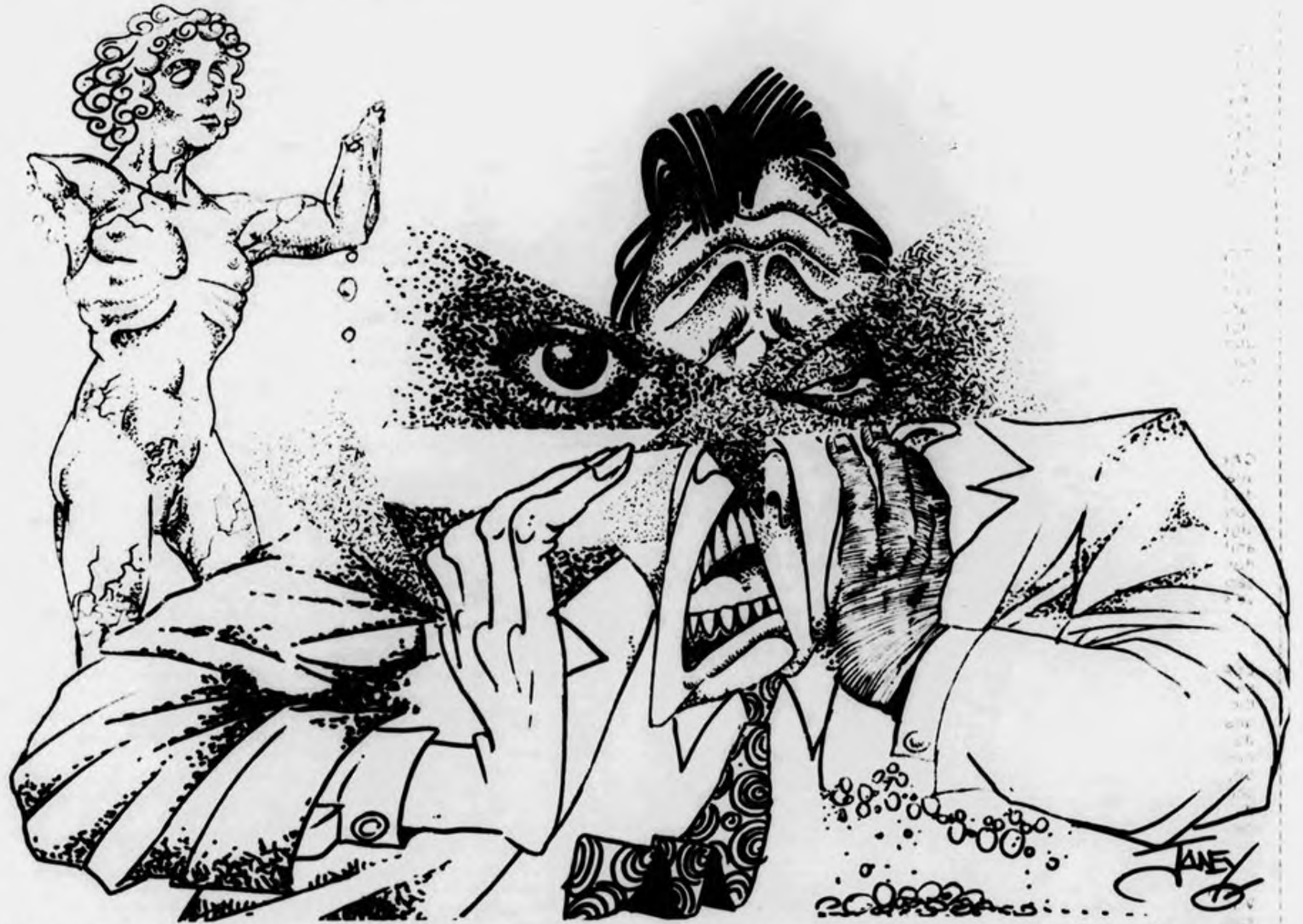
Não pretendo, aqui, desenvolver nenhuma teoria sobre a natureza do fenômeno; não tenho a ambição de contribuir para o esclarecimento das peculiaridades do chato. Quero apenas propor algumas idéias a respeito de uma função importante que deve ser reconhecida aos chatos numa sociedade democrática.

Meu ponto de partida é o romance "Criação", do romancista norte-americano Gore Vidal. O personagem narrador é o embaixador do império persa em Atenas, na época de Péricles. A democracia ateniense estava no seu apogeu. Pela primeira vez na história, os cidadãos se reuniam em assembleia para decidir o que o governo devia fazer. Todos tinham o direito

de aproveitar também o fato de que o capitão, pessoalmente, era considerado um chato).

Outros casos - inúmeros! - poderiam ser lembrados. Na experiência das comunidades religiosas, quantas vezes os que propunham revisões nos artigos de fé e levavam a intranquilidade ao coração dos fiéis não foram vistos como chatos? E nas organizações políticas com que frequência o dissidentes não foram encarados como expoentes de uma chaticidade insuportável?

Inovar significa correr o risco de incomodar. O saudoso Hélio Pellegrino dizia que todos nós carregamos uma força conservadora enraizada dentro de nós. "Mudar é correr o risco de morrer", dizia o bravo psicanalista. E explicava: os clientes que o procuravam e que lhe pagavam para se libertar de suas neuroses resistiam à mudança da cura porque estavam acostumados aos sofrimentos que os levavam ao divã e tinham medo dos possíveis novos sofrimentos ainda não conhecidos. O psicanalista, então, era obrigado a ajudá-los contra uma parte deles mesmos, mostrando-lhes os artifícios que acobertavam as malandragens do inconsciente. Era forçado a chateá-los, levando-



disse, com a rudeza típica dos chatos, que o seu trabalho não passa de uma jota e nada nele supera a estreiteza da total mediocridade. Você - é claro! - atribui esse juízo drasticamente negativo à burrice e à insensibilidade do seu crítico; e passa imediatamente a suspeitar de motivações escusas (inveja?) na avaliação amesquinhadora que ele fez da sua obra.

Suponhamos, no entanto, que você, dias depois (quando a raiva já se atenuou), releia o seu poema, reexamine o seu quadro ou cante mais uma vez para si mesmo a sua canção. E suponhamos que, ao fazê-lo, você consiga reconhecer no seu trabalho limitações, problemas mal resolvidos, pontos fracos que lhe haviam passado despercebidos. Você terá uma sensação frustrante, ficará decepcionado, porém - reconhecendo o fracasso - poderá compreender melhor suas causas e trabalhar com maior eficiência na superação das suas deficiências. E essa conquista do seu autoconhecimento (com todo o gosto amargo que ele pode ter) se deverá, de algum modo, à rude crítica do chato.

De certa maneira, a nossa

vamos fazendo quase sem sentir, com a segurança dos movimentos automatizados.

O chato é um desfazer de ilusões. Ele nos empurra na direção do reconhecimento de que as dificuldades são maiores do que gostaríamos de admitir. Na história da filosofia, por exemplo, o papel da chaticidade é decisivo. Só chatos conseguiriam se ocupar tão insistentemente de idéias abstratas, num nível tão alto de abstração, num plano tão estratosférico, tão afastado das experiências imediatas da vida sensível, aqui embaixo. Só chatos seriam capazes de deixar de lado a pressão das circunstâncias, as exigências do cotidiano, o critério da utilidade, a vertigem das sensações, para enveredar pelo caminho da especulação "inútil" e da construção teórica de castelos nas nuvens.

No entanto, a chaticidade das abstrações filosóficas é imprescindível para que a base implícita das teorias de que nos servimos possa ser revista (e, quando necessário, consertada). Os filósofos não resolvem os problemas que nos apresentam - e por isso vivem em discussões infundáveis uns com os outros - mas é

similar o novo se conseguirmos nos desembaraçar do que envelheceu dentro de nós (porém insiste em permanecer guiando a nossa inteligência). E os chatos participam do trabalho de remoção dessas relíquias a que nos apegamos e que nos prendem abusivamente ao passado.

Na evolução dos costumes, os chatos são aqueles que se afastam das normas consagradas e dos comportamentos habituais. Há quarenta anos, as mulheres que fumavam em público e usavam biquínis na praia eram mal vistas, incomodavam. Há sessenta anos, eram consideradas "inconve-

genial neurótico Van Gogh ficou solteiro, chateando seu irmão com pedidos de dinheiro, porém não é difícil imaginar que, se tivesse casado, sua esposa o acharia o rei dos chatos.

A essa altura das minhas reflexões, o meu caro leitor e a minha cara leitora já devem estar convencidos de que o meu elogio dos chatos é altamente suspeito e mal consegue disfarçar o fato de ser uma argumentação desenvolvida em causa própria: como legítimo chato, que sou, estou usando este espaço do jornal para justificar minha chaticidade.

E - o que é pior - além de

O chato desfaz as ilusões. Ele nos empurra ao reconhecimento de que as dificuldades são maiores que gostaríamos

nientes" as mulheres que insistiam em opinar sobre política e queriam votar. Homossexuais que se recusavam a ocultar suas inclinações pagavam caro por deixá-las transparecer: causavam "constrangimento" nos ambientes em que se achavam e passavam a ser evitados, como "chatos perturbadores". Um vereador carioca propôs que os jovens que viajavam de bonde em trajés de banho fossem retirados coercitivamente pela autoridade policial, porque estavam "chateando", com sua "quase nudez", os demais passageiros. Hoje, contudo, passadas umas poucas décadas, as atitudes que eram condenadas estão absorvidas como "naturais"; e os que passavam por "chatos" são vistos como precursores de novas atitudes.

Os grandes artistas, que sacrificaram tudo em função da arte, que decidiram todas as suas energias à criação estética, frequentemente acarretaram enormes transtornos às pessoas que atravessavam seus caminhos, na vida privada. As ex-mulheres de homens como Charles Chaplin ou Pablo Picasso formaram opiniões bastante negativas sobre seus ex-maridos. E o

chato estou incorrendo numa escandalosa unilateralidade. E evidente que o vasto mundo dos chatos é internamente diferenciado e abrange chatos de diversas espécies. Se existem uns poucos chatos geniais, instigantes, criativos, necessários ao encaminhamento de transformações necessárias, também existem - e como! - chatos inteiramente dispensáveis, superfluos, que só servem para atrapalhar a nossa vida, que não ajudam a inovar coisa alguma, que não enriquecem nem a ciência, nem a filosofia, nem as artes.

Sei disso. Mas sei também que não existe nenhum critério capaz de distinguir previamente entre os chatos. Os gregos também tinham consciência dessa impossibilidade. Por isso os atenienses da época de Péricles se dispunham a ouvir, com paciência, todos os chatos, de todos os tipos. Era o preço que pagavam para ter uma democracia funcionando em Atenas. Para horror do embaixador persa que Gore Vidal transformou em protagonista do romance "Criação" (editado pela Nova Fronteira, em tradução de Newton Goldman). Mas em benefício do auto-aperfeiçoamento da humanidade.

A intolerância em relação ao chato - por mais humana - traz consigo o risco de uma rejeição dos princípios democráticos

de expressar suas opiniões, de defender seus pontos de vista diante dos demais. O protagonista do romance de Gore Vidal, como persa que era, achava aquilo uma rematada loucura dos gregos, que se impunham o sofrimento de passar várias horas ouvindo a argumentação de todos os chatos opináticos existentes em Atenas.

A reação do embaixador da Pérsia era compreensível, porém tinha um claro pressuposto: um pensamento hostil à democracia. Desde os seus primeiros passos, a democracia dependia da preservação do espaço para a manifestação da diversidade das razões e dos discursos; e essa diversidade nunca poderia excluir os arrazoados dos chatos.

A intolerância em relação aos chatos - por mais humana que seja - traz consigo o risco de uma rejeição dos princípios democráticos. A história está cheia de exemplos bastante elucidativos.

Joana d'Arc, a heroína que mobilizou os franceses na primeira metade do século XV, chateou muita gente com sua mania de ouvir a voz de Deus; e seus inimigos anglofilos aproveitaram sua chaticidade para estigmatizá-la como herege e queimá-la na fogueira.

Muito tempo depois, no final do século passado, o capitão Alfred Dreyfuss, do exército francês, foi acusado de passar segredos militares ao exército alemão, foi preso e condenado, enviado para a Guiana. Depois, constatou-se que Dreyfuss tinha sido vítima de uma intriga de espíões, que aproveitaram habilmente os preconceitos anti-semitas de militares franceses (e

os a ver coisas que eles não gostariam de encarar.

Copérnico chateou os habitantes da Terra dizendo-lhes que o planeta por eles habitado não era o centro do universo. Marx chateou os intelectuais bem pensantes chamando a atenção deles para o fato de que as verdades por eles proclamadas não eram tão verdadeiras assim, não eram suficientemente universais, porque estavam distorcidas pela pressão ideológica dos interesses particulares das classes dominantes. E Freud voltou a chatear os mesmo intelectuais bem pensantes que tinham sido incomodados por Marx, quando lhes declarou que o Deus que eles adoravam - o logos, a razão - era um deus anêmico, de poderes muito escassos.

As criaturas que nos revelam aspectos novos de uma realidade desagradável tendem a ser consideradas sempre chatas, mesmo quando aquilo que elas estão fazendo é necessário para que nós possamos nos conhecer melhor.

Peço aos leitores que façam um breve exame de consciência. Imagine, minha cara leitora, meu caro leitor, que você escreveu um poema, pintou um quadro ou compôs uma canção. Imagine que você mostrou a sua pequena obra de arte a seu pai, à sua mãe, aos amigos, à pessoa amada: esses seres queridos lhe disseram, naturalmente, que você tem um enorme talento, que você fez uma coisa linda, que você é um artista que desponta para o sucesso. Agora imagine que por acaso a sua criação artística foi examinada por um chato, que lhe

auto-renovação depende do chato. Precisamos certamente do carinho daqueles que amamos, porém devemos admitir que esse afeto protetor tende a nos confirmar um pouco excessivamente naquilo que somos, dispensando-nos de esforços autocríticos. O chato nos força a tomarmos consciência daquilo que se tornou questionável, problemático, nos nossos hábitos, nas posições que assumimos e que envelhecemos sem que nós percebêssemos. Com sua abominável falta de delicadeza, ele esbarra em nós, pisa no calo das nossas convicções cristalizadas e nos desequilibra na caminhada que já está-

As criaturas que nos revelam aspectos novos de uma realidade desagradável tendem a ser consideradas sempre chatas